

## **HISTÓRIA E LITERATURA: a trajetória de um chefe político em *Tocaia Grande***

**João Reis Novaes<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho, no exercício de pensar as interações da história com a literatura, objetiva analisar, através da trajetória de Natário da Fonseca, um dos personagens do romance *Tocaia Grande: A Face Obscura*, de Jorge Amado, as táticas e estratégias adotadas por um indivíduo – oriundo de outra região e não descendente de uma família abastada – para chegar à condição de Coronel no Sul do Estado da Bahia.

**Palavras-chave:** História; Literatura; Tocaia Grande.

A Bahia, como ressalva Eul-Soo Pang (1979)<sup>2</sup>, proporciona uma série de vantagens para quem quer deslindar os meandros do sistema coronelista, seja por sua extensão física e demográfica, ou por sua importância econômica e política, que perdurou desde os tempos coloniais, perpassando o Império e desaguando no período que ficou conhecido pela historiografia como Primeira República (1889-1930). Atentos ao exposto, historiadores, dentre outros pesquisadores, produzem, constantemente, representações a respeito desse fenômeno. A literatura, como era de se esperar, também contribuirá para o enriquecimento e diversificação dessas representações, já que diversos romances trazem em seus enredos pistas, indícios, traços, que, às vezes, passam despercebidos, mas que são indispensáveis para elaborarmos uma leitura mais profunda dos acontecimentos experienciados pelos indivíduos que viviam sob a influência de práticas coronelistas.

Desta forma, o presente trabalho, no exercício de pensar as interações da história com a literatura, objetiva analisar, através da trajetória de Natário da Fonseca, um dos personagens do romance *Tocaia Grande: A Face Obscura*<sup>3</sup>, de Jorge Amado, as táticas e estratégias<sup>4</sup> adotadas por um indivíduo – oriundo de outra região e não descendente de uma família abastada – para chegar à condição de Coronel no Sul do Estado da Bahia.

Antes de dar continuidade a nossa análise, torna-se imprescindível destacar que, nos últimos tempos, é cada vez maior o número de trabalhos que buscam aproximar a história e a literatura. Isso ocorre, dentre outras coisas, devido à influência de posturas epistemológicas a defenderem que “o acontecimento não depende apenas da lógica das forças que o produzem, mas também da perspectiva de quem registra sua imagem e a inclui, interpretativamente, na representação da intriga social de que procedeu. [...]”<sup>5</sup>. Nessa perspectiva, os acontecimentos,

ocorridos no passado, jamais serão resgatados em sua totalidade pelos historiadores. Estes, como outros pesquisadores, criam representações dos eventos, face

[...] à impossibilidade de repetir a experiência do vivido, [...] elaboram versões. Versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que teria se passado um dia. O historiador atinge pois a verossimilhança, não a veracidade. Ora, o verossímil não é a verdade, mas algo que com ela se aparenta. O verossímil é o provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto<sup>6</sup>.

Destarte, as interpretações dos acontecimentos históricos não devem ser entendidas como meros transmissores de conhecimento, mas, sobretudo, como matrizes geradoras de saber que se renovam a partir da realização de novas leituras. Estas, por sua vez, variam de acordo com as fontes e os referenciais teóricos e metodológicos utilizados pelos historiadores. Nesse sentido, a literatura contribui, sobremaneira, para a diversificação das interpretações efetivadas pela historiografia, já que os enredos das obras literárias normalmente estão ancorados em parâmetros sociais e culturais que evidenciam valores, costumes, crenças, projetos, aspirações e frustrações de uma determinada sociedade, situada em um tempo e espaço específicos.

A obra de Jorge Amado enquadra-se perfeitamente no exposto, uma vez que o autor encontrou, na literatura, uma forma de registrar as suas memórias a cerca da história de sua região. No caso de *Tocaia Grande*, o autor evidencia nuances das lutas pela ocupação da terra, além da saga de pessoas vindas de outros países ou dos demais estados do Brasil em busca das riquezas oriundas do cultivo do *fruto de ouro*. Este romance, apesar de ter sido escrito e divulgado no início da década de 1980<sup>7</sup>, evidencia recordações, experienciadas ou simplesmente ouvidas pelo autor, que remontam ao período circunscrito entre os anos de 1900 a 1940. Nesse ínterim, o florescimento da lavoura do cacau será responsável por gerar riquezas não só para a Região Sul, mas também para o Estado da Bahia, posto que:

Os dados relativos à exportação atestam como a partir de 1904 o produto assumiu a liderança da pauta estadual, assegurando a sua performance até o final da Primeira República, chegando em alguns anos a contribuir com mais da metade do total arrecadado pelo Estado, sem que, em nenhum momento tenha registrado participação inferior a 30%<sup>8</sup>.

É justamente nesse cenário que o personagem Natário da Fonseca depara-se ao chegar à Região Sul do Estado da Bahia. Possivelmente, ele também vinha em busca de riquezas, mas outro motivo que o levara a retirar-se do Estado de Sergipe foi, certamente, o fato de ter assassinado um comerciante em uma casa de putas em Propriá. Fugitivo da polícia e da possível vingança de familiares do comerciante, Natário da Fonseca encontra couro na Fazenda Ataláia, de propriedade do Coronel Boaventura da Costa Andrade. A prática do couro era algo

comum naquele período e beneficiava tanto o couteiro quanto o fugitivo. O primeiro sempre poderia contar com a fidelidade e as armas do segundo em momentos de luta pelo poder. Em contrapartida, o segundo contaria com a proteção do primeiro que, por ser um Coronel de influência, impediria a ação da polícia ou de qualquer outro indivíduo que almejasse vingança.

Com o passar do tempo e com a sua proteção garantida, Natário, como apontam os indícios presentes em *Tocaia Grande*, passa a almejar um lugar de prestígio, político e econômico, na sociedade da região Sul da Bahia. Para isso lança mão de uma série de estratégias. A primeira, talvez a mais importante, foi a demonstração de fidelidade ao Coronel Boaventura Andrade nos momentos decisivos da consolidação de seus anseios político que era, dentre outros, o de controlar os cargos políticos e administrativos de sua região e, especialmente, os da cidade de Itabuna. Isso porque, naquele momento, o município passou a ter um valor político antes desconsiderado e a pessoa do coronel, geralmente um grande proprietário de terra com bastante prestígio social, passou a compreender as suas instituições políticas e administrativas como um instrumento capaz de contribuir para a efetivação dos seus projetos. Ademais, as suas ações poderiam ser legitimadas pelo fato do coronel representar os interesses de um sistema político que estava em fase de consolidação: a República brasileira.

Para efetivar o seu projeto político e expandir as suas propriedades, o Coronel Boaventura Andrade precisava derrotar o seu arquiinimigo Coronel Elias Daltro, chefe político local e proprietário da Fazenda Cascavel que divisava com a Fazenda Ataláia. “Amigos e correligionários, os dois coronéis tornaram-se inimigos jurados, cada qual se considerando dono exclusivo daquela imensidão de terra devoluta, de mata serrada, que se estendia da boca do sertão às margens do rio das Cobras”<sup>9</sup>. Diga-se de passagem,

Talvez o elemento mais ilustrativo da instabilidade regional residisse no principal meio de produção: a terra. Até o primeiro decênio deste século (século XX), a posse precária dada pela ocupação pioneira constituiu indispensável foco de tensão, levando seus ocupantes a conflitos e agressões permanentes com vistas à manutenção de suas glebas<sup>10</sup>.

Durante as lutas travadas entre os coronéis Boaventura Andrade e Elias Daltro, pela posse das terras, que Natário da Fonseca, agora chefe de jagunços do primeiro coronel, vislumbrou a possibilidade de consolidar a estima de seu chefe e, ao mesmo tempo, de se tornar Capitão da Guarda Nacional e proprietário de terras, capazes de produzir os tão sonhados *frutos de ouro*. Para tal, Natário da Fonseca, já familiarizado com a região, planeja e executa uma tocaia, algo corriqueiro para aquela época. Entretanto, a maioria das tocaias alveja uma, duas ou, no máximo, três indivíduos. A arquitetada por Natário, e habilmente descrita por Jorge

Amado, visava pôr fim à vida de vinte e sete homens que servia aos mandos do Coronel Elias Daltro. O Coronel Boaventura Andrade, percebendo o ambicioso plano de Natário da Fonseca, e como forma de incentivá-lo a buscar o sucesso de sua estratégia, passa a elogiá-lo: “– Você nasceu para militar, Natário. Se tivesse se engajado na tropa e houvesse guerra, ia terminar com galões de oficial”<sup>11</sup>. Ardilosamente, Natário percebe que aquele era um momento crucial para garantir os seus interesses, respondendo ao seu chefe:

- Se assim lhe parece, Coronel, e se acha que mereço, então me compre uma patente de capitão.
- De Capitão da Guarda Nacional?
- Vosmicê não vai se arrepender.
- Pois a promessa está feita e vai ser paga logo. Pode se considerar capitão desde hoje<sup>12</sup>.

A partir deste momento, Natário da Fonseca passa a ostentar o título de Capitão da Guarda Nacional. Ele sabe que a empreitada é arriscada, mas, sendo bem sucedida, garantirá a efetivação dos demais projetos que almeja. O resultado da ação ousada tornou-se perceptível quando, junto aos poucos jagunços que restaram vivos por terem permanecido na Fazenda Cascavel, o Coronel Elias Daltro

[...] contemplou os corpos ensanguentados. Berilo morrera com o revolve na mão, não tivera ensejo de atirar: a bala arrancara-lhe o tampo da cabeça, o Coronel desviou a vista. Compreendera que aquela carnificina significava o fim, já não tinha meios para prosseguir. Trancou a aflição dentro do peito, não deu mostras, não deixou que os demais percebessem. Elevou a voz de comando, ditou ordens<sup>13</sup>.

A “tocaia grande”, arquitetada e planejada pelo Capitão Natário, não permitia espaço para erros, já que o arquiinimigo de seu mandatário havia planejado enviar seus jagunços, com o consentimento do Governo do Estado, para garantir a posse de um dos seus correligionários à intendência de Itabuna. O Coronel Boaventura só não entendia:

[...]. Por que diabos o governador tomara partido naquela disputa que somente a eles interessava, aos senhores da região? Por que se metia decidir se não tinha competência para tanto? O Coronel Boaventura não desejava indispor-se com o Governador, mas a intendência de Itabuna era assunto privado, a ser decidido pelos coronéis, por bem ou por mal, por um acordo ou pelas armas, quem fosse mais forte ou mais sabido designaria o candidato. Necessário apenas para legalizar o fato consumado, a farsa da eleição deveria suceder a decisão, jamais precedê-la [...] <sup>14</sup>.

Não é de se estranhar a surpresa do Coronel Boaventura Andrade com a postura do Governador do Estado, pois, segundo Consuelo Novais Sampaio (1998)<sup>15</sup>, estava em voga a *Política dos Governadores* que consistia na não interferência, por parte do Presidente da

República, nos assuntos internos de cada Estado. Por sua vez, os governadores, junto com as suas bancadas no Congresso Nacional, deveriam apoiar, incondicionalmente, o projeto de governo do Presidente. Esse mesmo processo se efetivava entre o governo dos Estados federados e os chefes políticos municipais. Estes, por sua vez, ao controlarem os seus “currais eleitorais”, garantiam vitória aos candidatos indicados pelo Governo do Estado que, em contrapartida, não deveria interferir nos assuntos locais. Deveria fazer vistas grossas para os conflitos internos e deixar aquele mais hábil, ou o que possuísse maior número de jagunços, controlar a situação. Ademais, o Coronel Boaventura estava ciente do funcionamento dos pleitos eleitorais municipais. O coronel que detivesse o controle da mesa eleitoral, que colocasse nas ruas o maior número de jagunços para intimidar os adversários, ou que conseguisse o apoio do governo do Estado, poderia manipular facilmente os resultados das eleições. Para isso, bastava lavrar uma ata dando a quantidade de votos que bem entendesse para o seu candidato. Isso ocorria devido à manipulação do sistema eleitoral pela elite estadual que, fazendo uso da prerrogativa de legislar sobre a organização das eleições, criou um processo eleitoral fraudulento e facilmente manipulável.

Como forma de recompensa, pela brilhante e bem sucedida estratégia de luta, a “tocaia grande” – que garantiu a supremacia do Coronel Boaventura sobre o seu desafeto –, o Capitão Natário da Fonseca recebe de seu chefe a doação das terras prometidas e as batiza com o nome de Fazenda Boa Vista. Coincidência ou não,

Os alqueires que o Coronel Boaventura Andrade mandara registrar em nome do antigo capanga situava-se perto de Tocaia Grande, ninguém soube se de propósito, se por coincidência. Imprudentes especularam sobre o nome dado por Natário à propriedade, insinuando que ele teria inspirado na visão do vale junto ao rio, quando, na distante noite de tempestade, o parabelo na mão, demorou à espreita: boa vista apesar da escuridão [...]<sup>16</sup>.

O sentimento de gratidão e a consciência de que não podia se estabelecer sem o apoio do Coronel Boaventura Andrade, mesmo tendo chegado à condição de Capitão da Guarda Nacional e proprietário da Fazenda Boa Vista, Natário da Fonseca não deixa de prestar serviços ao seu antigo chefe. Entretanto, o preposto de capataz já não era digno de quem passou a ocupar o lugar social destinado àqueles que ostentavam os títulos mencionados anteriormente. Desta forma, o Capitão Natário ascende ao cargo de administrador da Fazenda Ataláia, tornando-se encarregado de contratar, despedir e fiscalizar o trabalho dos funcionários dessa fazenda. Nessa perspectiva, os

Administradores e gerentes bem sucedidos ajudaram no cumprimento da ordem, permitindo o surgimento de uma categoria socioprofissional

intermediária encarregada de zelar pelo bom andamento dos negócios. O rigor era muito grande, o que tolhia os movimentos dos trabalhadores [...] <sup>17</sup>.

Ao assumir a nova condição socioprofissional, da qual nos fala Freitas, o Capitão Natário procura consolidá-la e, para tanto, mais uma vez, conta com a anuência do seu chefe que passa a afirmar:

- Agora entre nós Natário, já não existe patrão e empregado, somos farinha do mesmo saco.
- Enquanto vosmicê viver sou pessoa sua para o que der e vier.
- Sei disso, conheço seu devotamento e procurei corresponder. (...).
- Tem outra coisa que quero pedir, se vosmicê me der licença, Coronel. Outra coisa? Surpreso o Coronel ficou mameluco:
- Pode falar, estou ouvindo.
- Zilda ta de barriga outra vez. Quero que vosmicê e Dona Ernestina batizem a cria quando nascer.
- Era esse o pedido? Estendeu a mão: – Pois toque lá compadre. Vamos fazer uma festança no dia do batizado (...) <sup>18</sup>.

Como evidenciado no diálogo acima, o jogo de concessões era constante entre o Capitão e o Coronel. Este sabia que, devido à instabilidade política e à constante luta pela posse da terra na região, não poderia abrir mão da fidelidade e das armas do, já tantas vezes comprovado, eficiente Capitão Natário que, naquele momento, seu nome corria o “mundo, respeitado, bem visto por uns, odiado por outros, temido por todos: quando abre a boca faz-se silêncio para ouvi-lo, quando saca da arma é um deus-nos-acuda, um salve-se quem poder” <sup>19</sup>. Em contrapartida, devido às relações experienciadas cotidianamente, o Capitão Natário está ciente de que, ao estabelecer laços de parentesco com o Coronel Boaventura Andrade, reforça os vínculos firmados entre os dois. Ademais, o parentesco serve para evidenciar o lugar social ocupado pelos indivíduos que efetivavam esses laços com os chefes locais, confirmando o que já salientara Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976):

Um coronel importante constituía [...] uma espécie de elemento sócio-econômico polarizador, que servia de ponto de referência para se conhecer a distribuição dos indivíduos no espaço social, fossem estes seus pares ou seus inferiores [...]. A pergunta: “Quem é você?” recebia invariavelmente a resposta: “Sou gente do coronel Fulano”. Esta é a coordenada necessária para conhecer o lugar sócio econômico do interlocutor, além de sua posição política <sup>20</sup>.

Assim, quanto mais próximo o indivíduo se mostrava do coronel, mas requeria para si certo respeito, pois era alguém que contava com a proteção e amizade do chefe local. Além disso, ao firmar laços de parentesco com o Coronel, o Capitão Natário sentia-se na obrigação de apoiar as suas decisões políticas e, em muitos casos, levantar-se em armas para fazer valer a vontade de seu protetor. É por isso que o Capitão fazia questão de afirmar para o seu chefe: “–

Enquanto vosmicê viver sou pessoa sua para o que der e vier”<sup>21</sup>. Lealdade era algo levado a sério pelo Capitão. Isso fica evidente no momento da efetivação da tocaia grande quando,

[...] empunhando um parabelo, Natário permaneceu imóvel, á espreita. Cabele o primeiro tiro, sinal para os cabras abrirem fogo, sentença de morte para o tal Berilo, pistoleiro recrutado nas Alagoas, (...). Depois cuidará de Coroinha, o guia, se o desinfeliz escapar da primeira rajada ou se não tiver capado o gato. Não chega ter dó de Coroinha apesar de conhecê-lo a um ror de anos: indivíduo que serve a dois patrões, que se vende, não merece compaixão. Nascido e criado nas roças do Coronel Elias Daltro, pessoa de sua estima e confiança, o vaqueano fornecera ao inimigo informações preciosas por dez contos de réis de mel coado: o número exato dos componentes da tropa, vinte e sete homens, um exército!, as armas que portavam, dia e hora da partida, e se comprometera a emitir o grito da coruja quando se aproximassem. Talvez cumpra o trato, talvez não”<sup>22</sup>.

Após a derrota do Coronel Elias Daltro, em tempos de relativa paz, o Capitão Natário passa dedicar o seu tempo a administrar a Fazenda Ataláia e a plantar as primeiras mudas de cacau nas terras da Fazenda Boa vista. Nas viagens entre as duas propriedades sempre passava por Tocaia Grande, a princípio local onde se desenrolou a “grande emboscada”, passando a ponto de pouso para tropeiro, arruado, lugarejo, povoado e, por fim, arraial. Nesse espaço, o Capitão Natário empreende uma nova estratégia para se tornar chefe local, cria uma rede de relações pessoais que o coloca como um indivíduo capaz de zelar pela “ordem”, “moral”, “progresso” e “bem estar” de sua comunidade. Assim, quando três cravinoteiros, Manezinho, Chico Serra e Janjão, invadem e saqueiam o armazém do personagem Fadul Abdala, o Capitão Natário é forçado a tomar uma atitude mais drástica, pois estava ciente de que o armazém era muito mais do que uma loja comercial, funcionava como ponto de encontro da população local. Nesse ambiente discutiam-se questões referentes às lutas políticas, à safra e preço do cacau, enfim, tudo aquilo que dizia respeito à cotidianidade do Arraial.

O Capitão percebendo a necessidade de demonstrar, para a comunidade, que tinha capacidade de “protegê-los” de investidas externas, pois sabia “[...] quando alguém, tendo conquistado mando e autoridade, contrai obrigações e deve cumpri-las [...]”<sup>23</sup>. Assim, a resposta ao saque do armazém deveria ser incisiva, capaz de levar qualquer indivíduo a pensar duas vezes antes de ousar perturbar a “ordem” em Tocaia Grande. Como essa resposta demorou alguns dias para chegar ao conhecimento da população, o proprietário da casa comercial nutria uma mistura de sentimentos. Sentia-se desamparado pelo seu amigo Capitão, desanimado com o prejuízo financeiro e triste pelo fato dos assaltantes ter levado seu canivete, peça rara e de grande valor sentimental, pois tinha recebido de presente do tio que o criou na Líbia.

Entretanto, após ter transcorrido alguns dias, o Capitão Natário chega ao armazém de Fadul, pede um trago de pinga, fala sobre diversos assuntos, mas não se refere ao roubo do armazém, o que aumenta a aflição do comerciante. Mas, no momento em que ia seguir viagem, meteu a mão no bolso do paletó, retirou o canivete de estima de Fadul e perguntou:

- Isso não é pertence seu, compadre Fadul. (...).
- É meu, sim, Capitão. Se mal lhe pergunto, como chegou às suas mãos?
- E como houvera de ser compadre? (...).
- Andei sabendo do caso, dei logo com eles. Três cabras ruins, compadre Fadul.(...).
- Os três Capitão?
- Os três, na mesma cova<sup>24</sup>.

A partir de então, começou a correr o boato de que o Capitão Natário era sócio de Fadul nos lucros do Armazém. O comerciante quando questionado sobre o assunto não afirmava e nem negava, pois sabia que “[...] mais do que qualquer arma de fogo aquele sacrossanto zunzum defendia as portas do seu negócio”<sup>25</sup>. Mas a “assistência” dada à população local não parava por aí, o Capitão passou a ajudar financeiramente os moradores na construção de casas, pontes e espaços públicos de socialização. Para aumentar o número de viventes em Tocaia Grande incentivava a vinda de pessoas do interior da Bahia e de outros Estados, principalmente de Sergipe. Essa ação possibilitava aumentar a clientela a ser explorada nos períodos de safras do cacau, bem como o cultivo de alimentos para abastecer os trabalhadores envolvidos na produção daquele fruto. Ademais, quando o Arraial era comedido por alguma adversidade climática, como a enchente do Rio das Cobras que destruiu boa parte das casas ali existentes, a população buscava refúgio na casa do Capitão, lá “[...] até mais o desalentado sentia-se em segurança, garantido contra tudo e todos, inclusive às incontroláveis forças da natureza, estavam a salvo da raiva e do castigo de Deus [...]”<sup>26</sup>. O interessante é que a residência do Capitão foi construída exatamente no local onde ele montou a emboscada que deu cabo aos vinte e sete homens do Coronel Elias Daltro. Essa escolha não ocorreu por acaso, o terreno íngreme facilitava a defesa da residência no momento de possíveis ataques. Por outro lado, o capitão teria uma vista privilegiada do Arraial e um horizonte que, constantemente, reativava em sua memória a façanha responsável por sua ascensão política e econômica, a tocaia grande.

O exposto demonstra a preocupação que o Capitão Natário tinha a respeito das representações construídas acerca de suas ações. Para a população local, gostava de se apresentar como um homem respeitador da “ordem” e da “moral”, que só fazia uso da violência quando não existiam outras opções e, sobretudo, quando se tratava de defender os interesses de

sua comunidade. Essa atitude possibilitou a construção de um ambiente no qual o Capitão era temido ou respeitado, o que era evidenciado quando ele passava pelas ruas de Tocaia Grande. Naquele momento, “Os homens tiravam-lhe o chapéu em sinal de respeito, as mulheres sorriam-lhe com apreço: no respeito de alguns homens um resquício de medo, no apreço de certas mulheres um toque de frete. Os meninos corriam a beijar-lhe a mão”<sup>27</sup>.

A trajetória de ascensão do Capital Natário só foi interrompida, ou parcialmente interrompida, após a morte do Coronel Boaventura Andrade. Nesse momento, o seu filho Bacharel Boaventura da Costa Andrade Junior, o Venturinha, é quem herda a fortuna e tentará ocupar o lugar na política deixado por seu pai. O Capitão Natário, ciente de que já havia retribuído a ajuda que recebeu de seu patrão, salvando a sua vida por duas vezes e lhe servido até o momento de sua morte, se recusa a continuar prestando os mesmos serviços a seu herdeiro. Ele sabia que o momento de efetivar o seu desejo de se tornar um chefe local era aquele, e sem patrão tudo ficaria mais fácil, pois já possuía base econômica e uma clientela que legitimava as suas ações. Entretanto, em momento algum do trajeto narrativo desenvolvido por Jorge Amado, fica explícito o desejo do Capitão Natário em torna-se Coronel. Mas, por meio de um exercício de imaginação literária e histórica, é possível conjecturar que o não dito, o não exposto, podem revelar os desejos, as intenções menos pronunciadas, pois

Se pensarmos o passado como uma renda, permanentemente retrabalhada, devemos lembrar que não são apenas as linhas, laços e nós, por mais coloridos que sejam, que dão forma ao desenho projetado; são, justamente, os buracos, os vazios, as ausências, que são responsáveis por fazer aparecer com nitidez o que se pretendia fazer<sup>28</sup>.

Assim, seguindo as trilhas e auscultando os indícios deixados nas entrelinhas do romance em tela e, ao mesmo tempo, comparando, a partir da historiografia, a trajetória do Capitão Natário a de outros chefes políticos, daquele período, podemos conjecturar que o objetivo das investidas do Capitão era chegar à condição de Coronel da Guarda Nacional e participar, de forma incisiva, das questões políticas que tangiam o cotidiano de sua região. Venturinha percebendo o desejo do Capitão Natário e temendo que esse ocupasse, no cenário político, o lugar deixado por seu pai, irá tentar interromper ou adiar o seu sonho. Para isso, contrata um pistoleiro para dar cabo à vida do Capitão, por pouco não conseguiu. Posteriormente, arregimenta um exército de jagunços para invadir Tocaia Grande e tentar, mais uma vez, assassinar e destituir o ex-administrador da Fazenda Ataláia da condição de chefe político local. No momento da invasão, parte significativa da população sai em defesa do Capital Natário, muitos desses, como o ferreiro Tição e o comerciante Fadul, levantam-se em

armas, morrem defendendo os interesses do Capitão e de ver Tocaia Grade se transformar em uma próspera cidade. A outra parcela da população, ao saber das intenções de Venturinha, abandona o Arraial. Os que ficaram foram brutalmente assassinados. A vitória ou derrota do Capitão Natário continua uma incógnita, há espaço para o exercício da imaginação, característica que aproxima, sobremaneira, a história da literatura. Nessa perspectiva, retiro-me e deixo Jorge Amado finalizar esse ensaio, sua notável trama e a trajetória de ascensão política e econômica do Capitão Natário da Fonseca com a seguinte passagem:

Montado em um esplendor de égua, no centro do cortejo tendo de um lado o Intendente, do outro a divina Ludmila Gregorióvina, destacava-se o corpanzil do Bacharel Boaventura Andrade Junior, chefe político, mandachuva. A cara aberta em riso.

Natário firmou a pontaria, visando a testa de Venturinha. em mais de vinte anos, não errara um tiro. Com sua licença Coronel <sup>29</sup>.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité e mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: [jrnovaes@bol.com.br](mailto:jrnovaes@bol.com.br)

<sup>2</sup> PANG, Eul-soo. *Coronelismo e Oligarquias (1889-1934): a Bahia na Primeira República Brasileira*. Trad. Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

<sup>3</sup> AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: A face obscura*. Ed. 1 Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

<sup>4</sup> Fazemos uso da ideia de Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007), tomada de empréstimo a Michel de Certeau, sobre os conceitos de estratégia e tática: “Estratégia como procedimento que nasce de um cálculo das relações de força e que são empreendidas por um sujeito de poder e de querer para atingir objetivos previamente traçados. Já as táticas não demandam um lugar como a estratégia, não calculam, vigiam e captam no vôo as possibilidades de ganho; é um ato que visa a aproveitar uma ocasião, não é necessariamente articulada discursivamente; é um gesto, breve efeito cuja força pode se desvanecer imediatamente, multiplicar as máscaras e as metáforas, desaparecer no próprio ato”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Um Leque que Respira: a questão do objeto em *História*. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 161.

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Ivan. Poética Cultural: História & Literatura. In: *Politéia História e Sociedade. Vitória da Conquista: v.6, n.1, p.31-55, 2000. p. 39*

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Disponível na internet. URL: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Arquivo capturado em 01/05/2012.

<sup>7</sup> *Tocaia Grande: A Face Obscura* começou a ser escrito em 1982 e foi publicado em 1984.

<sup>8</sup> FALCÓN, Gustavo. Os coronéis do cacau. Salvador: Ianamá/Centro Editorial da UFBA, 1995. p. 41.

<sup>9</sup> AMADO, op. cit., p.15.

<sup>10</sup> FALCÓN, op. cit., p.43.

<sup>11</sup> AMADO, op. cit., p.18.

<sup>12</sup> AMADO, op. cit., p.18..

<sup>13</sup> AMADO, op. cit., p.12.

<sup>14</sup> AMADO, op. cit., p.16.

<sup>15</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. Os Partidos Políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1998.

<sup>16</sup> AMADO, op. cit., p.42.

<sup>17</sup> FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. Literatura e História: O Romance Regional. In: *Politéia História e Sociedade. Vitória da Conquista: v.5, n.1, p.31-56. , 2006. p.24.*

<sup>18</sup> AMADO, op. cit., p.40.

<sup>19</sup> AMADO, op. cit., p.15.

<sup>20</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976. p.164.

<sup>21</sup> AMADO, op. cit., p.40.

- 
- <sup>22</sup> AMADO, op. cit., p.20.  
<sup>23</sup> AMADO, op. cit., p.533.  
<sup>24</sup> AMADO, op. cit., p. 181-182.  
<sup>25</sup> AMADO, op. cit., p. 182.  
<sup>26</sup> AMADO, op. cit., p. 397.  
<sup>27</sup> AMADO, op. cit., p. 364.  
<sup>28</sup> ALBUQUERQUE, op. cit., p. 153.  
<sup>29</sup> AMADO, op. cit., p.553.